

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO DE RESGATE DOS SABERES TRADICIONAIS DO QUILOMBO DE ANGICO

Priscylla Beserra Soares¹

Pedro Henrique Almeida Melo²

Israelly Soares Gomes³

Stephany Cristyne de Souza Silva Metódio⁴

Lourena Oliveira de Lima⁵

Patrícia Barreto da Silva Carvalho⁶

RESUMO

O resgate dos saberes tradicionais da comunidade Quilombola Angico tem grande impacto para o processo de construção e autoafirmação da identidade dos estudantes das escolas do território, sendo importante a confluência entre os saberes acadêmicos e ancestrais. O presente trabalho tem como objetivo geral valorizar os saberes tradicionais da comunidade acerca das plantas medicinais, através do uso da linguagem materializado em gêneros textuais, construindo uma proposta de sequência didática com os saberes tradicionais do Quilombo Angico sobre esse conteúdo. Como objetivos específicos, define-se: catalogar as plantas utilizadas para fins da medicina alternativa e construir uma sequência didática que aborde, em diferentes gêneros, o conhecimento ancestral do uso dessas plantas. Quanto à metodologia, a pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo descritivo-exploratória, utilizando a coleta de dados através de pesquisa de campo com o uso de entrevistas com os detentores do saber da comunidade e de diário de registro dos pesquisadores. O corpus corresponde às principais plantas medicinais que são utilizadas pelo território, no intuito de sua catalogação e funcionalidade, e a posteriori, utilizar esse conhecimento para a construção de uma sequência didática de língua portuguesa do sexto ano do ensino fundamental II comprometida com a autoafirmação da identidade de estudantes de escolas desse território. Como subsídio teórico, utilizou-se os saberes tradicionais de Nêgo Bispo e Paulo de Mainha, pessoas que são validadas na comunidade como detentores do saber, entrelaçados com as orientações prestadas acerca do trabalho com gêneros textuais na BNCC no componente de Língua Portuguesa do 6º ano. Espera-se que essa proposta possa auxiliar os professores que trabalham em escolas do Quilombo Angico a resgatar os valores de identidade desse território.

Palavras-chave: Gêneros textuais, plantas medicinais, saberes tradicionais, sequência didática, comunidade quilombola.

¹ Pós-Graduada do Curso de Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, pbs9@discente.ifpe.edu.br;

² Pós-Graduando do Curso de Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, pham3@discente.ifpe.edu.br;

³ Pós-Graduada do Curso de Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, prof.isasoares@gmail.com;

⁴ Pós-Graduada do Curso de Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, stephany_cristyne@hotmail.com;

⁵ Pós-Graduada do Curso de Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, lourenaoliveira84@gmail.com;

⁶ Professor orientador: doutora em Linguística, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, patricia.carvalho@garanhuns.ifpe.edu.br.

INTRODUÇÃO

Nunca existiu, existe ou existirá algo tão nosso quanto a nossa identidade. E ao falar em identidade, a esta não se remete o sentido de identificação como em um documento, mas sim, o sentido de uma espécie de DNA. Um conjunto de informações com as quais nascemos e que nos acompanha ao longo de toda a nossa existência. Mas, há quem perdeu e há também quem não queira encontrar essa identidade. Encontrá-la é fácil? Não! Esse processo de identificação percorrendo o caminho das suas raízes pode ser doloroso, por isso, muitas vezes é ignorado porque, para além das lutas e conquistas, existem outros atravessamentos tais como segregação, opressões e escravização.

Tudo isso implica para que haja uma certa resistência no processo de autoafirmação. E não é afirmando repetitivamente que nossas crianças e nossos jovens quilombolas têm dificuldade em se considerar como tal que essa realidade irá mudar. A mudança só será possível quando essas mesmas crianças e jovens conseguirem superar medos e angústias que ultrapassam a linha do tempo e saberem dos riscos, mas também das possibilidades e virtudes de se assumir quilombolas, negros ou não, numa sociedade ainda tão preconceituosa. Todavia, isso só tende a ser alcançado através de uma educação escolar quilombola e antirracista, não apenas em linhas de discurso, mas nas nossas práticas. E, principalmente, que essa educação seja implementada sobretudo “COM” e não somente para os quilombolas. Nesse contexto, Carril (2017, p. 555) coloca:

Pensar educação escolar quilombola com base nos contextos de uso do território, da etnicidade e da memória presentes nas narrativas dos sujeitos no intuito de construir metodologias que proporcionem aprendizagens tendo como ponto de partida elementos referentes às realidades locais das comunidades.

É partindo dessa premissa que se torna tão importante o trabalho com o resgate dos saberes tradicionais no quilombo de Angico a fim de que possa trazer um impacto positivo no processo de autoafirmação da identidade desses estudantes do território, assim como, nos alunos que não são do território e não são quilombolas, mas que também possam conhecer e respeitar a história e esses saberes com muito zelo. Tornar esses elementos evidentes e palpáveis irá favorecer o reconhecimento dos estudantes tanto no seu modo e história de vida, quanto da comunidade, contribuindo para uma pedagogia que se volte para a cultura quilombola através de narrativas e memórias. Isso se torna possível mediante ao amparo da



BNCC e da Lei n 10.639/2003, a qual possibilita a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-brasileira" nos currículos de ensino Fundamental e Médio. A partir destas estamos muito bem respaldados para que possamos desenvolver em nossas escolas a autonomia de um ensino espelhado no quilombo.

Neste sentido, para que possa haver de fato efetividade neste resgate de saberes, se faz necessário trilhar um caminho em destino aos gêneros textuais. E esse destino será alcançado através de uma ferramenta chamada Sequência Didática. A Sequência Didática (SD) favorece muito mais a interdisciplinaridade, pelos desdobramentos e aprofundamentos, conseguindo articular melhor os diferentes conhecimentos. Abordam habilidades e conceitos mais entrelaçados, pois tratam de coisas mais complexas que exigem que se entrelacem os conhecimentos, o que não dá pra ser trabalhado em uma única aula. Contribui também para a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, na realização de trabalhos em grupo, considera a heterogeneidade e possibilita um ensino reflexivo, desafiador e problematizador.

Em se tratando dos gêneros textuais, destino ao qual a SD tem por objetivo nos levar, é primordial que estes alunos tenham o conhecimento acerca de que os gêneros textuais são conjuntos de textos, orais ou escritos, que têm estruturas específicas e que exercem funções sociocomunicativas em determinado contexto. Para reforçar ainda mais sobre essa concepção, Bazerman (2005) afirma:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender uma às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (BAZERMAN, 2005, p. 31- Grifos do autor).

Posta a compreensão do autor acerca dos conceitos sobre gêneros textuais, podemos reiterar que eles tipificam muitas coisas além da forma textual. Ou seja, são parte do modo como os seres humanos dão sentido às atividades sociais e, para além, culturais.

Textos diferentes serão apontados como pertencentes ao mesmo gênero na medida em que possuírem “tipos de conteúdos”, “construções composicionais” e “estilos” semelhantes



entre si. É o compartilhamento de certos traços ou regularidades entre os enunciados de uma dada esfera de comunicação verbal que faz deles o que Bakhtin (1997) chamou de “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Esta estabilização se faz necessária para que a comunicação aconteça, pois, conforme ressaltaram Dolz e Schneuwly (2004, p. 170) “se, a cada vez precisássemos criar ou inventar inteiramente os meios para agir nessas situações de linguagem, a comunicação não seria jamais possível”.

Portanto, o que deve ser dito em um texto define a escolha de um gênero. Cada gênero tem tipos de conteúdos distintos. Há situações em que apenas pelo começo do texto já é possível identificar qual o gênero. Um texto iniciado com o título ingredientes, logo, já será deduzido que se trata do gênero receita. Um texto quando iniciado com a frase era uma vez, certamente será identificado como conto. Percebe-se que todos esses elementos fazem parte da especificidade de cada gênero e corroboram para que sejam identificados a partir deles.

Para a realização desta pesquisa, destacamos como objetivos primordiais valorizar os saberes tradicionais do quilombo e sensibilizar toda comunidade escolar a utilizar esses saberes no cotidiano atrelados às habilidades da BNCC e do Currículo. É fundamental ressaltar que o trabalho com o uso das plantas medicinais em gêneros textuais é também com o intuito de fomentar e contribuir para o processo de construção da autoafirmação de identidade desses alunos quilombolas, assim como, desenvolver nos demais o respeito para com todas e quaisquer manifestações de outros saberes.

METODOLOGIA

O processo metodológico deste trabalho se deu por intermédio de várias etapas. De acordo com a temática do mesmo, buscou-se por meio de uma análise crítica e detalhada propor o uso de plantas medicinais em gêneros textuais como instrumento de resgate dos saberes tradicionais do quilombo de Angico, utilizando o passo a passo descrito a seguir:

* Apresentar o documentário Quilombo de Angico: Raízes, modos e significados a fim de que os estudantes possam ter o conhecimento da história do quilombo e de algumas personalidades que exercem determinadas funções sociais no território, sobretudo, que conheçam o mestre de saber das plantas medicinais;



* Entrevistar o mestre de saber por meio de uma visita ao seu terreiro e, nesta mesma ocasião, registrar por meio de foto/vídeo/escrita a diversidade de plantas apresentadas por ele;

* Elaborar uma lista das plantas medicinais na sequência em que estão sendo apresentadas;

* Escrever a receita do Lambedor (xarope caseiro de plantas medicinais) apresentada pelo mestre de saberes, da Comunidade Quilombola Angico, e feita por ele em aula prática na cozinha da escola;

* Construir o texto instrucional bula a partir dos conhecimentos adquiridos na aula prática anterior;

* Transformar o questionário que foi utilizado na entrevista em um texto biográfico, ou seja, fazer a mutação de gênero, conservando as informações do texto, porém, mudando sua estrutura;

* Desenhar as plantas medicinais (atividade direcionada aos alunos com laudo de PCD, isto é, Pessoa com Deficiência, e alunos que ainda não têm apropriação do SEA-Sistema de Escrita Alfabética);

* Degustar o Lambedor produzido pelo mestre de saberes Paulo de Mãinha;

* Produzir uma enciclopédia de plantas medicinais do quilombo. Utilizando o material (fotos) obtido no momento da visita ao terreiro do mestre será produzida uma enciclopédia com imagens e verbetes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há tempo, muito tempo, difícil até de precisar, já sabíamos que aprendemos a partir do processo de ancestralidade. Temos a reafirmação disto através da Carta de Princípios da Educação Escolar Quilombola quando afirma que:



"A escola não é o único lugar (forma de aprender) porque se aprende em outros espaços: na casa, na rua, na dança, no terreiro, no ritual, na luta pela terra, debaixo do pé de manga, no trancilim, nas reuniões da associação e nas assembleias. Também o/a professor/a não é o/a único/a agente educacional. Há outros/as como: os/as mais velhos/as, as lideranças, as crianças, etc." (CECQP, 2008, s/p.):

É neste sentido que pretendemos pautar nossa educação. É por meio da idéia de que a educação é um processo que se realiza nos mais diferentes espaços que conseguimos compreender que, nesse fazer, há uma lógica de complementaridade de conhecimentos, de saberes, de cosmologias e epistemologias. Há uma soma de possibilidades e encantamentos. É a partir desse ponto de vista que nos deparamos com o que Nego Bispo chama de saberes orgânicos e saberes sintéticos. Segundo ele: "Saber orgânico é o saber que nos envolve. É o saber do ser. E o saber sintético é o saber que desenvolve. É o saber do ter".

Desse modo, o que vivenciamos nesse trabalho corroborou para a efetivação dos saberes orgânicos. Para a confluência de saberes. Uma vez que possibilitou aos alunos o contato com o mestre de saberes, o senhor Paulo Soares da Silva, mais conhecido na comunidade como Paulo de Mãinha, que nos recebeu com tanto afago e transmitiu seus conhecimentos orgânicos com muita afeição, ou seja, isso que ele fez foi simplesmente perpetuar os saberes orgânicos, a prática dos saberes que envolvem o ser, que envolvem a vida. E que nas palavras de Nêgo Bispo: "É a vida"!

Então, é sobre isso. Poder levar a vida para dentro da escola e a escola para a vida. Ultrapassar os muros e grades visíveis e invisíveis. Trazer a identidade quilombola para o dia a dia escolar a fim de fortalecê-la, apresentar pontos positivos para que gere no aluno o sentimento de pertencimento, defender sua cultura e autoafirmar-se.

Na falta de modelos identitários positivos, o aluno negro/a é conduzido a negar a identidade de seu povo de origem, em favor da identidade do outro -o branco- apresentado como superior. A maioria das situações escolares favorecem uma atitude de não aceitação e de distanciamento dos valores da ancestralidade africana. (Botelho, 2000, p.20).

A colocação do autor vai de encontro com a lamentável realidade da maioria das escolas cujos ensinamentos partem de princípios colonialistas. Faz-se necessário essa quebra



de ciclo para que seja possível dar voz a um currículo que possibilite a participação do nosso povo como referência. E em se tratando de currículo, segundo Silva (2010, p. 15):

O currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

Como dito, o currículo é parte da nossa identidade. Ao passo que nas escolas o currículo reflete princípios da realidade do território, das tradições, valores e conquistas de um povo, certamente esses elementos não serão desconhecidos ou distorcidos pelo perigo de uma história contada a partir de uma única narrativa. Ao passo que esses alunos têm sua realidade validada, eles se sentem como sujeitos protagonistas encorajados.

A autora também traz um outro parecer muito importante, “Educação Escolar Quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação enquanto sujeitos de direitos.” (SILVA, 2012, p. 166).

Mediante ao posicionamento da autora, partilhamos e almejamos a efetivação desse projeto de educação. Sonhamos com o dia no qual as escolas do nosso território sejam regidas por um currículo específico quilombola e que essa existência não nos seja negada, que possa nos trazer fundamentos para subsidiar nossa luta de resistência e que haja muito mais quilombolas como agentes de sua própria educação escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o objeto de estudo deste trabalho buscou-se, a partir de uma prática interventiva, possibilitar aos estudantes (público alvo da pesquisa) um contato com os gêneros textuais de forma que estivesse atrelado aos saberes tradicionais, mais especificamente, acerca das plantas medicinais.

A intervenção foi iniciada após a autorização imediata por parte da equipe gestora da escola. De antemão a professora já havia aceitado conceder espaços em suas aulas para que pudessemos executar a atividade proposta, como também participou diretamente e se colocou à disposição no que fosse necessário durante o processo.

De início houve a apresentação do projeto por parte da professora regente e, logo em seguida, apresentamos o roteiro das futuras atividades. Nesse primeiro momento foi de grande valia apresentar o documentário sobre o quilombo. Já fomos para sala de vídeo e, ao passo que as pessoas apareciam na imagem e davam seus depoimentos, iam sendo feitas intervenções com relação ao conhecimento que eles tinham sobre: Quem é essa pessoa? Conhece algo sobre a atividade que ela desempenha na comunidade? Etc. “Foi um momento bem rico”.

Foto 1: Alunos assistindo o documentário



Fonte: BESERRA, Priscylla (2024).

Durante esse momento eles mantiveram a atenção até perto do fim, muitos não tinham conhecimento algum do contexto apresentado, outros, muito pouco. Foi nesse momento que enfatizamos que o estudo seria especificamente sobre as plantas medicinais e que o mestre de saber Paulo de Mãinha nos receberia em seu terreiro.

Fotos 2, 3 e 4: Alunos visitando o terreiro do senhor Paulo de Mãinha



Fonte: BESERRA, Priscylla (2024).

Como podemos observar, essas imagens registram o momento da visita dos alunos à casa do mestre. Aqui está acontecendo uma busca em fortalecer a afirmação da identidade da comunidade, dos saberes tradicionais e da prática da oralidade. Na ocasião, além do mestre

transmitir seus conhecimentos sobre a medicina natural, ele também ofereceu conselhos sobre a vida. “Esse foi um dos momentos mais ricos que vivenciamos”.

Ao mesmo tempo em que estava sendo proposto trabalhar com o gênero entrevista a partir das perguntas que lhes foram solicitadas para trazer à aula, também trabalhamos o gênero lista. À medida que Seu Paulo apresentava a variedade de plantas medicinais colhidas no seu terreiro, foi pedido que eles fossem listando nesta ordem. Houve quem fez mais de uma pergunta, quem não fez nenhuma, há quem foi escriba, “filmmaker” (gravação em vídeo), ou apenas ouvinte, mas, “o mais importante foi a presença nesse momento em que foi lançado um punhado de sementes de esperança”.

Fotos 5, 6, 7, 8 e 9: O mestre de saber na escola



Fonte: BESERRA, Priscylla (2024).

Neste momento do projeto foi a vez de fazer o inverso. Ao invés das crianças irem até o mestre, ele foi até elas, na escola. Convidamos seu Paulo para uma aula prática levando as ervas medicinais para a aula a fim de executar a receita de um lambedor (xarope caseiro feito com ervas medicinais), e assim proporcionando aos alunos mais uma oportunidade de aprender valiosos ensinamentos.

Ao passo que seu Paulo estava executando o passo a passo da receita, foi solicitado que eles estivessem também simultaneamente construindo o gênero textual designado para a aula do dia em seus cadernos. “Esse foi um momento marcante para mim”. A professora havia me comunicado que na turma existem de oito a dez crianças que não acompanham o nível dos demais. Cinco desses têm laudo. Infelizmente esses alunos PCDs não têm auxiliar de apoio pedagógico. O que torna o processo muito mais difícil, tanto para os professores, quanto para eles.

Sabendo dessa dificuldade, quando fosse solicitado para os demais construírem os textos que estavam sendo apresentados por meio da oralidade, eles ficariam sem conseguir executar a proposta e dispersos chamando a atenção para eles, então, já levei uma quantidade de ervas à parte para eles poderem desenhar utilizando a técnica de sobrepor a folha do caderno por cima da folha da erva e passar o giz de cera (frotagem).

Enquanto o lambedor ainda estava em processo, foi solicitada a construção do gênero bula, no mesmo padrão da atividade anterior. Com o mestre de saberes da comunidade explanando oralmente para que eles fossem reproduzindo os conhecimentos adquiridos por meio da escrita em seus cadernos.

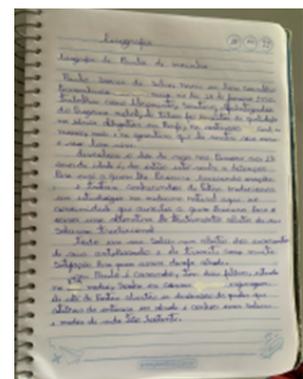
Fotos 10, 11, 12 e 13: Alunos produzindo gêneros textuais



Fonte: BESERRA, Priscylla (2024).

Como produtos dessa atividade interventiva tivemos também a construção do gênero biografia. A biografia de Paulo de Mãesha. Parte dela foi construída a partir das respostas às perguntas feitas no dia da entrevista, outra parte foi complementada com informações que eu disponibilizei para eles, “sendo eu filha do mestre”, fiz questão de que se fizessem saber algumas informações que não estavam contempladas na entrevista. Por fim, houve a degustação do lambedor.

Fotos 14, 15, 16, 17 e 18 : Produções dos alunos e degustação do xarope



Fonte: BESERRA, Priscylla (2024).

O projeto desenvolvido possibilitou a intersecção dos saberes escolares com os saberes da comunidade, em outras palavras, dos saberes orgânicos com os saberes sintéticos e isso é de grande relevância para ambas as partes. Esses atravessamentos possibilitam aulas mais



dinâmicas e atrativas, resultando em uma maior participação e interação dos alunos, como também contribui para o fortalecimento dos saberes tradicionais aqui do quilombo.

Foram dias de muitas “confluências”. Desafios? Muitos e sempre! Resistência por parte dos alunos? Sim! É compreensível que nos cause estranhamento tudo aquilo que desconhecemos. Então, algo que não faz parte do currículo escolar deles quando é apresentado pela primeira vez ou muito esporadicamente, causa desinteresse e negação. Mas, é necessário, por menor que seja, dar o primeiro passo. O grande desafio foi a heterogeneidade da turma. Apesar de sempre ser dessa forma e ainda mais por estarmos ainda enfrentando consequências do período pós-pandêmico, o fato dessa turma ter um número significativo de estudantes com dificuldade de aprendizagem e sem suporte algum, torna tudo mais desfavorável possível com relação a todo contexto escolar. Felizmente, nesses momentos que juntos estivemos foi possível fazê-los participar de alguma forma dentro das possibilidades que nos era possível. “Gostaria de ter tido um tempo maior com a turma para que pudéssemos desenvolver algo maior, mas, no mais, sigo na busca de futuros aprofundamentos e feliz com a experiência”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui é importante iniciar reafirmando que não estamos tratando de uma tarefa fácil. Fazer um trabalho dessa natureza exige ir por um caminho que muitas vezes você tem que ir sozinho. Gera desconforto, mas ao mesmo tempo traz uma satisfação que não se explica. “Lutar por aquilo que acreditamos e dar voz ao que por muito foi silenciado é revigorante, acredite!”

Essa experiência, apesar de alguns desafios no decorrer do processo, foi de modo geral um portal que se abriu para que nós e outras pessoas vejamos que é possível trabalhar nessa perspectiva. Que a gente não espere existir um currículo específico nos obrigando, ressalva, a fazer o que pode ser feito sem que ele exista. Não há mais lugar para o discurso que diz que o aluno não se identifica, não tem orgulho do território, dos seus antepassados, etc, etc, etc. Vamos tentar fazer a diferença? Um aluno que a gente conseguir fazer com que ele mude seu modo de pensar e possa se autoafirmar, não por vantagens, mas por reconhecer sua essência com orgulho, terá valido cada gota de suor do nosso esforço.

Perante os resultados obtidos, é possível afirmar que o uso de plantas medicinais em gêneros textuais pode sim favorecer o resgate dos saberes tradicionais. A analogia da semente lançada é meio clichê, mas é muito bem vinda nesse caso. Que levemos isso conosco. “Uma



semente germinada pode gerar muitos frutos”. Que esse estudo possa despertar a necessidade de novas pesquisas por esse caminho. “É transformador”.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, 2005, p. 31- Grifos do autor. RIBEIRO, B.S.R. **Gêneros textuais e os saberes das ervas medicinais: uma experiência na comunidade Boa Esperança do Burgo**, Pará, 2019.

@CUMULUSTV: **Nego Bispo e o conhecimento orgânico**. YouTube, 9 de abril de 2024. 0 min 51s. Disponível em: <<https://youtube.com/shorts/2pJ1efXLeBU?si=U39BW2q301t1WfIn>>. Acesso em: 14 out. 2024.

PERNAMBUCO; CECQP, 2008. **Princípios da Educação Escolar Quilombola**, Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco. (2008 s/p).

@voandosemrumo: **Quilombo de Angico: raízes, modos e significados**. YouTube, 28 de julho de 2024. 14 min 44s. Disponível em: <https://youtu.be/c-IUX9_sNOI?si=vR52-DN2kIc6TD2Q>. Acesso em: 20 out. 2024.